

## **Cana "atropela" soja em pólo do Tocantins**

*Yan Boechat*

Quando chegou pela primeira vez na pequena cidade de Pedro Afonso, no Tocantins, há 12 anos, o mineiro Leonardo Queiroz nunca tinha visto um pé de soja na vida. Ex-estudante de medicina e funcionário de uma empresa fabricante de lentes intra-oculares em Belo Horizonte, Leonardo se inscreveu em um programa do Ministério da Agricultura em parceria com o governo japonês para desenvolver o plantio do grão do isolado cerrado do Tocantins, o Prodecer. Largou tudo para tentar a sorte no campo, incentivado pelos empréstimos polpudos que o governo oferecia para quem se dispusesse a viver em uma região onde até os restaurantes fechavam para almoço, como gostam de contar, em tom de brincadeira, todos que seguiram o caminho de Leonardo.

Com um livro técnico sobre soja na bolsa, ele desembarcou naquela região quente e aparentemente árida em 1996. Vendeu um pequeno apartamento e o carro para dar a contrapartida exigida pelo governo: 10% do investimento total, ou, R\$ 100 mil. Recebeu 500 hectares de terra, maquinário e recursos para iniciar o plantio com o empréstimo, que nunca foi pago nem por ele nem por seus colegas. "O começo foi difícil, eu não entendia nada, e a cidade só tinha um telefone público, esse era o único contato com o mundo exterior", relembra, já com um jeitão de fazendeiro.

Como ele, outros 39 aventureiros largaram quase tudo para participar do programa pioneiro no Tocantins, que na época tinha o arroz e o milho como principais culturas agrícolas. Em pouco tempo a soja vingou e a cidade se tornou a maior produtora do grão em todo o Estado.

Em 2005, Pedro Afonso e seu entorno produziram 170 mil toneladas de soja, em mais de 60 mil hectares plantados. Ao contrário da maior parte dos municípios do Tocantins, a festa anual da cidade não celebra o gado. Ao invés das tradicionais feiras agropecuárias, a cidade tem a Festa da Soja, onde é eleita a rainha da soja. Enfim, Pedro Afonso é uma das tantas cidades do país que vivem em torno do grão de ouro, como gostam de chamar os produtores.

Mas isso vai acabar. A soja, que nos últimos dez anos comandou a economia da cidade, vai minguar em Pedro Afonso em pouco tempo. Dará lugar à cana, que por lá pouca gente ainda conhece. Com a chegada da Ferrovia Norte-Sul, que terá uma estação de transbordo a menos de 20 quilômetros da cidade, grandes grupos internacionais, como a Bunge, estão comprando todas as terras que conseguem na região para plantar cana.

A estimativa da cooperativa agroindustrial de Pedro Afonso (Coapa) é que a área plantada com soja no município caia mais de 70% nos próximos três anos. "A soja vai migrar para áreas mais distantes, mas em Pedro Afonso o que vai ter mesmo é cana", resigna-se Vanderlei de Souza, gerente da área de qualidade da Coapa.

Dos 40 pioneiros que chegaram por lá em 1996, 11 já se desfizeram de suas propriedades. E muitos outros devem seguir o mesmo caminho. Esperam apenas que o preço do hectare se valorize ainda mais para se desfazerem de suas plantações de soja.

Pedro Afonso, a pioneira da soja no Tocantins, está vivendo uma mudança que já se repete com mais ou menos intensidade em outras regiões do país que prosperaram nos últimos anos com a produção de grãos. A forte demanda mundial por biocombustíveis, além de um mercado interno cada vez mais aquecido, está fazendo com que empresas tradicionais no mercado de alimentos, como a Bunge, redirecionem parte de seus investimentos para a produção de álcool, além do açúcar. Só em Pedro Afonso a companhia pretende plantar 60 mil hectares de cana, quase a totalidade de área plantada de soja por lá.

Encravada na confluência de dois rios caudalosos, o Tocantins e seu afluente Sono, Pedro Afonso é estratégica para essa investida. Com água de sobra, o que permite um sistema de irrigação eficiente e barato, e extremamente próxima do novo e principal corredor logístico do interior brasileiro, sua escolha como ponto inicial para um projeto que promete dimensões

gigantescas parece óbvia. Por meio da ferrovia, o etanol pode ser escoado pelo porto de São Luís, no Maranhão, mais próximo dos principais mercados externos.

O projeto da Bunge foi o primeiro a mexer com a cabeça dos agricultores de Pedro Afonso. Mas não o único. A Etanalc, empresa brasileira criada há mais ou menos dois anos, também mexe com o imaginário local, ainda que, neste caso, sejam muitas as promessas e poucas as ações. Ainda assim, neste momento a companhia negocia com os cerca de 90 produtores de soja da cidade o arrendamento de suas terras para que abandonem a soja e passem a plantar cana, de onde a companhia diz que fará etanol para exportar aos Estados Unidos.

Não é a toa, portanto, que em Pedro Afonso as variações do preço da soja na bolsa de Chicago despertem cada vez menos a atenção dos agricultores locais. Em todas as rodinhas de conversa que se formam na sede da Coapa nestas tardes quentes de setembro o assunto é um só: cana. Todos querem saber se a Etanalc já fechou contrato com as empresas de irrigação, se está disposta a melhorar os preços oferecidos, se a Bunge vai abrir uma nova rodada de compras, enfim, todos querem saber qual o melhor momento para se desfazerem da atividade que os sustentou e enriqueceu nos últimos 12 anos.

"Não tem jeito, ninguém segura a força do dinheiro, a soja vai continuar, vai abrir novas fronteiras, mas aqui quem vai mandar é a cana", diz Virgílio Amaral, agrônomo da consultoria nipo-brasileira Campo, que prestou toda a assistência técnica aos 40 produtores pioneiros de Pedro Afonso.

No churrasco promovido pelos sócios da Coapa para assistir ao pífio desempenho da seleção brasileira contra a Bolívia na partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010 em 10 de setembro, futebol foi o assunto menos discutido. Nem mesmo o decepcionante desempenho de craques do passado como Ronaldinho Gaúcho conseguia despertar a atenção dos produtores. Todos estavam concentrados nos telefones celulares. Aguardavam, ansiosos, a chamada de um de seus colegas que fora a São Paulo ter uma reunião com a Etanalc. A ligação chegou antes do fim do primeiro tempo e foi comemorada quase como um gol. Aparentemente, a companhia tinha aceito algumas das reivindicações dos produtores. Enfim, aqueles que não estavam prontos para se desfazer de suas terras acreditavam que a hora da negociação final estava próxima.

Foi Francisco Gonzaga quem atendeu. Era, talvez, um dos mais empolgados com as notícias. Chico chegou por lá junto com Leonardo, vindo de São Paulo. Já mexia com terra, participando de leilões no interior de São Paulo, mas sempre foi um homem extremamente urbano. Morador do bairro paulistano da Mooca por 20 anos, também largou tudo que tinha para ir ao Tocantins plantar soja. A aventura rendeu dividendos, mas também ônus. "Minha mulher era bancária, trabalhava na Praça da Sé, e não aguentou isso aqui. Foi embora com minhas filhas e eu fiquei só", diz ele, que afirma amar a terra que escolheu para viver.

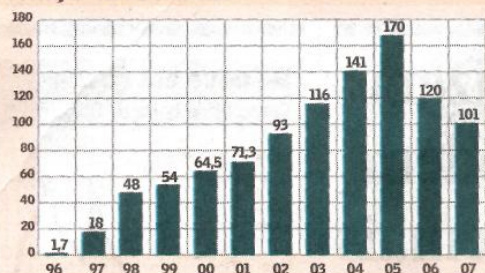
Mas seu amor tem preço. Chico ainda acha muito pouco os cerca de R\$ 4 mil que a Bunge estava oferecendo por cada hectare. "Está longe do preço de Mato Grosso, isso aqui é um paraíso", diz ele, que titubeia em revelar que pagou R\$ 270 por cada um de seus 500 hectares. Se o preço chegar a R\$ 8 mil ou bater na casa dos R\$ 10 mil, sonho da maioria, Chico abre mão das terras que vem cultivando nos últimos 12 anos. Mas se as propostas de arrendamento da Etanalc chegarem onde ele espera, bandeia-se para o lado deles. O certo é que nas terras de Chico dificilmente haverá soja nos próximos anos.

Nas de Leonardo, o mineiro que chegou a Pedro Afonso sem nem mesmo ter visto um pé de soja na vida, não há dúvidas. Ele, como outros 19 produtores que lá chegaram em 1996, já assinou um pré-contrato com a Etanalc. Em seus 500 hectares de terra que produziram cerca de 250 toneladas de soja nos últimos 10 anos só haverá espaço para a cana. "Toda esta terra vai ser um grande canalial dentro de no máximo três anos, a aventura da soja, pelo menos aqui, acabou", diz ele, sem esconder a satisfação de, a partir de agora, não precisar mais depender das intempéries e da variação dos preços dos insumos e do dólar.

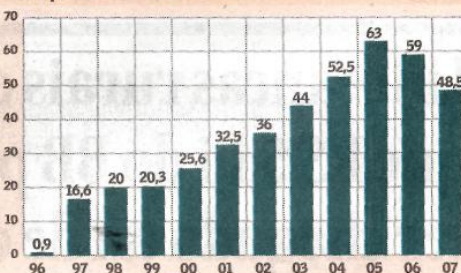
## Fim do reinado da soja?

Produção e área plantada do grão em Pedro Afonso

Produção - em mil toneladas



Área planta - em mil de hectares



Onde fica



Fonte: Consultoria Campo

### Artigos complementares:

#### Guinada da Bunge puxa transformação

A multinacional Bunge, que tem ações negociadas na bolsa de Nova York, sempre fez parte da vida de Pedro Afonso. A companhia é uma das principais compradoras da produção de soja do município e, também, uma das principais financiadoras dos agricultores, quase todos com dívidas ou dificuldades de obter crédito junto ao governo federal. Mas, desde agosto, o nome Bunge deixou de ser sinônimo apenas de soja por lá. Agora quando se fala em Bunge, a primeira coisa que vem à cabeça dos produtores de Pedro Afonso é cana e as riquezas que ela pode gerar.

Não sem razão. Desde o ano passado a companhia iniciou um agressivo processo de compras de terra que mexeu com a cabeça dos agricultores. Duas empresas desconhecidas, a Rimene e a Remata, começaram a oferecer preços polpudos pelas terras de Pedro Afonso. Em alguns meses adquiriu nada menos que 30 mil hectares na cidade, pagando algo em torno de R\$ 4 mil por hectare. "A cidade entrou em alvoroço, muita gente viu ali a oportunidade de se livrar das dívidas com o governo e ainda sair com um dinheiro bom", diz o septuagenário gaúcho Sílvio Sandri, que chegou a Pedro Afonso na década de 80. Depois de quitar as dívidas, Sandri ainda amealhou R\$ 1,5 mil por hectare com a venda de seus 500 hectares.

Havia uma desconfiança geral de que a Bunge estava por trás do negócio, mas a certeza só veio em agosto, após as primeiras mudas estarem plantadas e irrigadas por um moderno sistema. Segundo os produtores, a Bunge veio então a público e revelou que tanto a Rimene quanto a Ramata eram empresas suas e que os 30 mil hectares eram apenas a metade das terras que pretendia adquirir na região. Em cada metro quadrado, nada se soja. Apenas cana.

Ao Valor, a empresa afirmou, por meio de sua assessoria de imprensa, que não faria comentários sobre eventuais investimentos em canaviais e usinas no Tocantins. Mas, na cidade, todos dizem que esses planos envolvem a construção de uma usina de produção de açúcar, etanol e co-geração de energia elétrica a partir das milhões de toneladas de cana que a empresa pretende processar em Pedro Afonso a partir da safra 2013/14. Hoje já é possível ver vastos campos que seriam semeados agora com soja tomados pela cana verde. O pequeno canavial ainda é uma mancha na imensidão de terras que estão sendo preparadas para receber a soja da próxima safra, mas em breve ele será majoritário.

Colaborará para isso se os planos da brasileira Etanalc, empresa brasileira fundada há menos de três anos pelo empresário fluminense Áureo Luiz de Castro, também colocar efetivamente em práticas seus ambiciosos planos, que incluem três usinas de etanol, açúcar e geração de energia.

Enquanto mantém mistério sobre os investimentos no Tocantins, a Bunge acelera outros projetos envolvendo açúcar e álcool. No fim de setembro, anunciou uma parceria com a japonesa Itochu para desenvolver em conjunto dois projetos sucroalcooleiros no Brasil. No total, os investimentos deverão somar US\$ 800 milhões nos próximos quatro anos. A Bunge

deverá aportar US\$ 640 milhões e a trading Itochu, os US\$ 160 milhões restantes. A primeira joint venture envolve a usina Santa Juliana, na cidade mineiro de mesmo nome.

Comprada pela múlti em setembro de 2007, a unidade tem capacidade para processar 1,6 milhão de toneladas de cana por ano. A partir dos aportes programados, o volume chegará a 4,2 milhões de toneladas. Os novos parceiros também pretendem construir, juntos, uma nova usina, em outros projeto ainda mantido em sigilo. Também em setembro, a Bunge anunciou a aquisição da usina Monte Verde, situada em Ponta Porã (MS).

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3, 4 e 5 out. 2008, Empresas & Tecnologia, p. B12.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais